

## O "DESENHO DE SI MESMO" NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINQUEDO E O BRINCAR NA EDUCAÇÃO ESPECIAL SEGUNDO A CORPOREIDADE, EXPERIÊNCIA E PERCEPÇÃO MERLEAU-PONTYANOS

Ana Karyne Loureiro Furley  
-PPGE-UFES-CAPES  
[anakaryneloureiro@gmail.com](mailto:anakaryneloureiro@gmail.com)

Hiran Pinel  
PPGE/CE-UFES-CAPES  
[hiranpinel@gmail.com](mailto:hiranpinel@gmail.com)

Vitor Gomes  
CE-UFES  
[vitorgomes76@hotmail.com](mailto:vitorgomes76@hotmail.com)

Eixo: Atendimento Educacional Especializado

Comunicação Oral

**Resumo:** Apresentamos aqui um recorte da dissertação de mestrado (em andamento) em educação inserido na linha de pesquisa "Educação Especial e processos inclusivos". A brinquedoteca hospitalar com sua ludicidade tem a finalidade de desenvolver o processo de cognição indissociado do afeto e psicomotricidade, possibilitando a criança com necessidades educacionais especiais, que vivenciando em um processo de internação ou tratamento clínico, experimentar novas percepções de si, do outro e do mundo através do brincar, proporcionando assim conquistas, como a resiliência. A resiliência é um termo que pode estar ligado à cura ao cuidado, à autoconfiança e à satisfação emocional, que emergirá possivelmente por meio de elaboração de novas estruturas em experiência vivida como ser no mundo. No qual indaga-se: o que é ser Flamboyant, um garoto com necessidades educacionais especiais, estando ele numa brinquedoteca hospitalar, a se mostrar subjetivamente pelo desenho? O objetivo é descrever compreensivelmente o que é ser Flamboyant, um garoto com necessidades educacionais especiais, estando ele numa brinquedoteca hospitalar, a se mostrar subjetivamente pelo desenho. Para responder a essa questão e interrogação pretendemos recorrer a três conceitos merleau-pontyanos, quais sejam: corporeidade, experiência e percepção. Diante do exposto, este presente estudo, mostrará caminhos possíveis aos pedagogos, professores, psicólogos, educadores sociais e outros profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares e outras, revelando a importância do brincar e da brincadeira na constituição subjetiva do qual a criança é lançada na sua própria existência de ser. A partir das leituras em Merleau-Ponty selecionou-se os três conceitos buscamos através de uma *fenomenologia do brincar* desvelar essa criança.

**Palavras-Chave:** Educação Especial, Brinquedoteca Hospitalar, Fenomenologia.

## **Introdução**

A brinquedoteca hospitalar surge, segundo leituras dentre elas, Cunha (2011), Gimenes (2011), Pinel (2015), precisamente em 1956, na cidade de Estocolmo, localizada no Estado de Umeo, através de uma professora de pré-escola chamada Ivonny Lindquist que trabalhava com crianças hospitalizadas no Hospital Universitário de Umeo.

Não época, não podia imaginar que esta atividade fosse atingir tanta importância. Atualmente o hospital central tornou-se um centro universitário moderno e dispõe de um departamento de ludoterapia que recebe crianças hospitalizadas. Como alguns colegas na Suécia, e ainda hoje no exterior, eu acreditava, na época, que as crianças hospitalizadas sofriam apenas de eczemas, apendicite, otite, fraturas. Mas meu primeiro paciente foi um garoto gravemente vítima de câncer. Foi um choque. (LINDQUIST, 1993, p.17)

A adaptação de brinquedos para atender às necessidades nesse espaço tempo, donde no departamento as crianças podiam escolher sozinhos seus brinquedos e ficar à vontade para circularem por todo o espaço no qual dispunha de sala de brinquedos; uma sala com televisão, músicas e livros; uma sala como se fosse uma cozinha para prepararem lanches, lavar roupas de bonecas e até costurar; uma sala grande para adolescentes com jogos e instrumentos musicais, quais todas eram ligadas por uma grande entrada mobiliada por mesas e cadeiras também adaptadas, para todos se reunirem e dava acesso ao tanque de areia de 3 andares que ficava do lado de fora. “Se uma criança se sente descontraída e feliz, sua permanência no hospital não será somente muito mais fácil, mas também seu desenvolvimento e cura serão favorecidos. [...] Considerar apenas o tratamento médico, deixando de lado o psiquismo, é retardar a cura”. (LINDQUIST, 1993, p. 24).

Evidencia que viu através do brincar crianças de diferentes tipos de necessidades especiais se ajudarem mutuamente e enfrentarem juntas o processo de tratamento. Enfatizou ainda que o mesmo material pode ser utilizado em diferentes espaços e por diferentes crianças desde que estejam

adaptados para cada um em sua especificidade e necessidades individuais de cada paciente diante do tratamento terapêutico de cada um.

Sensibilidade, respeito, carinho, cuidado tendo o outro como extensão de si mesmo no trajeto da autora é descrito com precisão quando ela indaga: “o que posso fazer quando estou deitado e só posso utilizar os braços com dificuldades?” (LINDQUIST, 1993, p.28) e colocar-se no lugar do outro como se o outro fosse você, uma continuidade de seu corpo, de seu ser.

Todo brinquedo da brinquedoteca hospitalar deve ser higienizado e esterilizado, e nos setores que houver moléstias infecciosas e contaminação por gotículas esse brinquedo será descartado ou ficará diretamente com a criança. Os objetivos desse espaço segundo a pesquisadora Cunha (1998, p.41) são: “Preparar a criança para as situações novas que irá enfrentar”, a criança deve estar segura e não ter medo e através dos brinquedos e da ludicidade essa nova realidade será apresentada a ela para que a mesma se sinta segura e não sinta medo. “Preservar a saúde emocional”, na brinquedoteca hospitalar a criança encontrará outras crianças, conviverá com diversas realidades e situações, fará amigos e a brincadeira possibilitará que ela expresse seus anseios e medos. “Dar continuidade ao processo de estimulação de seu desenvolvimento”, quando uma criança entra no hospital, ela está em processo de aprendizagem, mas também está em processo de desenvolvimento motor de seus membros inferiores e superiores, e com a internação esses processos serão retardados e interrompidos em casos de coma. A brincadeira proporcionará que essa criança seja estimulada nesses aspectos tão importantes para sua saúde vital e seu desenvolvimento físico, cognitivo e social. “Tornar o ambiente agradável”, a brinquedoteca hospitalar é um local onde se brinca, onde a alegria deve fluir e diante disso é um excelente espaço para que a criança receba visitas, e que a família possa estar em contato com o ser em sua mais bela sintonia, a criança não gosta de ser vista como um ser doente e nem seus pais desejam isso para ela, logo é um excelente espaço para que receba suas visitas. “Preparar a criança para voltar ao lar”, às vezes a criança fica hospitalizada por meses, anos e ser inserida em uma vida fora do hospital é algo muito delicado que deve ser

trabalhado por todos, pelos pais, pela criança e pela família. Em muitos casos, o hospital é um ambiente com a estrutura muito melhor que seu lar, muitas crianças não têm vontade de sair de lá, já que são bem tratadas por todos e as condições financeiras em que estão inseridas são de extrema pobreza.

A ludicidade do brinquedo a todo o momento é apresentada como importante ferramenta de superação e enfrentamento da condição de adoecimento de crianças e adolescentes. A estimulação através do brinquedo é de suma importância no período de internação para que a terapia, a capacidade de concentração e o desenvolvimento das habilidades motoras, principalmente no atendimento às crianças com necessidades especiais contínuas ou temporárias sejam significativos. Brinquedoteca hospitalar é um espaço destinado a crianças em processo de internação, atendimento e tratamento hospitalar obrigatório através da Lei nº 11.104/2005, na qual:

Art. 1º Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2º Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar (BRASIL, 2005).

A implementação de brinquedotecas hospitalares mesmo que sancionada por lei, é algo que não está totalmente concretizada no Brasil, seja por falta de espaços adequados, ou por falta de profissionais capacitados para desenvolverem projetos que garantam o direito ao brincar e a estimulação dos sentidos através da ludicidade para as crianças e adolescentes em período de internação ou tratamento.

A Educação Especial assume em uma sociedade contemporânea a necessidade de inclusão de fato, de superar as dificuldades enfrentadas no sistema de ensino e da superação da exclusão em ambiente escolar através de reconstruções estruturais escolares, de sistemas educacionais de ensino e classes especiais com a finalidade de atender os alunos e alunas em suas especificidades, possibilitando a formação de estudantes com vistas à independência e autonomia dentro e fora da escola para a eliminação de

barreiras que se interpõem nos processos inclusivos e a ludicidade encontrada na brinquedoteca hospitalar vai favorecer não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas o desenvolvimento social e emocional durante o tratamento ou a internação.

Consideram-se pessoas com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem:

I - Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica;

a) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências;

II – Dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis;

III - altas habilidades/Superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes. (BRASIL, 2001)

Portanto, diante do exposto, este presente estudo, pode demonstrar caminhos possíveis aos pedagogos e profissionais responsáveis pelas brinquedotecas hospitalares a respeito da importância do brinquedo e da brincadeira em um processo de subjetividade do qual a criança é lançada a própria existência. E, levá-lo a sentir-se vivo interligado ao mundo através das relações sociais das quais uns se preocupam com os outros. Resgatando a cidadania e a humanização da criança enferma em um ambiente onde, a perda da identidade de ser-sendo-criança é reforçada a todo o momento durante os procedimentos médicos executados e pelas próprias características arquitetônicas para o isolamento em uma percepção sentida, vivida, experienciada e corporificada do a-dor-é-ser.

## **Objetivo**

O objetivo é descrever compreensivelmente o que é ser Flamboyant, um garoto com necessidades educacionais especiais, estando ele numa brinquedoteca hospitalar, a se mostrar subjetivamente pelo desenho.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa fenomenológica aplicada à Educação Especial Hospitalar Escolar e Não Escolar. A instituição de pesquisa é a ACACCI (associação capixaba contra o câncer infantil), criada em 15 de Março de 1988, organização não-governamental, sem fins lucrativos, que tem como um dos objetivos melhorar a qualidade de vida das crianças e adolescentes afetados pelo câncer infantil. O sujeito da pesquisa apresentada é um garoto de 10 anos de idade, que devido a um quadro grave teve que amputar a perna esquerda na altura da coxa. O nome dado a ele é Flamboyant.

Os instrumentos da pesquisa são: um desenho livre, que resultou em um “desenho de si mesmo”, segundo o próprio Flamboyant. Os procedimentos utilizados para a pesquisa: o levamos para a brinquedoteca hospitalar, e dentre várias brincadeiras dirigidas ou não-dirigidas, emergiu o pedido para que fizesse um desenho. Recolhemos o desenho, doado pelo garoto aos pesquisadores, conversamos com ele sobre os possíveis significados e procuramos analisar os possíveis sentidos que podem pontuar o que é e como é ser ele. Na análise de dados recorremos a três termos de Merleau-Ponty: corporeidade, experiência e percepção. A ética na pesquisa, o projeto todo da pesquisa, no qual se insere o presente dado produzido, foi aprovado pelo comitê científico da ACACCI. A partir desse clima, fomos descrevendo uma fenomenologia do brincar.

## **Marco teórico**

Em relação ao nosso marco teórico, devemos admitir que a abordagem terá como prioridade os estudos de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), na qual algumas de suas obras tanto no campo filosófico ou no campo psicológico em relação ao fenômeno estudado elucidarão a questão levantada e outras questões que serão levantadas no decorrer dessa pesquisa a partir da fenomenologia no qual “[...] a fenomenologia é uma fenomenologia, quer dizer,

estuda a aparição do ser para a consciência, em lugar de supor a sua possibilidade previamente dada” (MERLEAU-PONTY,1945, p.96), numa perspectiva do qual “o mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele”(MERLEAU-PONTY, 1999,p. 5) numa compreensão de mundo e de homem a partir de sua “facticidade”(MERLEAU-PONTY, 1999, p.1). Em um segundo momento diz respeito à análise qualitativa, do qual:

A pesquisa qualitativa se propõe a colher e analisar dados descritivos obtidos diretamente da situação estudada; enfatiza o processo mais que o resultado, para o que precisa e retrata a perspectiva dos participantes. Na pesquisa qualitativa, verifica-se a realidade em seu contexto natural, tal como ocorre na vida real, procurando dar sentido aos fenômenos ou interpretá-los, de acordo com os significados que possuem para as pessoas implicadas nesse contexto. (MICHEL, 2015, p.40).

### **Respondendo à questão e ao objetivo da pesquisa**

Nosso experienciar a criança da educação especial na brinquedoteca hospitalar da ACACCI nos indica com sentido de que esse espaço, nesse tempo, é de beleza, de magia e de encanto planejado/executado/avaliado para tentar propiciar a brincadeira no qual os bebês, crianças, adolescentes, adultos e idosos possam brincar estimulados pela ludicidade que é manifestada individualmente, na pluralidade do mundo brincante. A estimulação através do brinquedo é de suma importância no período de internação para que a abordagem educacional escolar e não escolar provoque a capacidade de concentração e o desenvolvimento das habilidades motoras e psicológicas, principalmente no atendimento às crianças com necessidades especiais contínuas ou temporárias se tornem significativos. Do qual:

Muitas crianças hospitalizadas não conseguem verbalizar seus desejos e necessidades. É importante (eu diria legítimo), portanto, reconhecer sua capacidade de se exprimirem através de atividades lúdicas (LINDQUIST, 1993, p. 22).

Ainda:

Se uma criança se sente descontraída e feliz, sua permanência no hospital não será somente muito mais fácil, mas também seu desenvolvimento e cura serão favorecidos. [...] Considerar apenas o

tratamento médico, deixando de lado o psiquismo, é retardar a cura. (LINDQUIST, 1993, p. 24).

A sensibilidade deve perpassar as esferas, no sentido de tocar aqueles que lidam com a criança a um novo olhar, um olhar sensível, humanizado e desprovido de qualquer atitude preconceituosa. “Quando a criança brinca nutre sua vida interior, descobre sua vocação e busca um sentido para a sua vida” (CUNHA, 2011, p.11). Pensando nisso devemos ter pelo brincar respeito e zelo, porque esse espaço tem como finalidade alimentar a vida interior, curar, cuidar, acolher e, manipulando brinquedos ou explorando o ambiente da brinquedoteca a criança conhece não apenas o seu entorno, mas conhece a si mesma.

É verdade que freqüentemente o conhecimento do outro ilumina o conhecimento de si: o espetáculo exterior revela à criança o sentido de suas próprias pulsões propondo-lhes uma meta. Mas o exemplo passaria despercebido se ele não se encontrasse com as possibilidades internas da criança. O sentido nos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda a dificuldade é conceber bem esse ato e não confundi-lo com uma operação e conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251).

“A criança a partir da ludicidade pode ser conduzida a manipular uma imagem de si mesma, transposta para um mundo diferente ao qual pode dar vida e com o qual pode se identificar ao mesmo tempo” (BROUGÈRE, 1988, p. 46). Em uma visão merleau-pontyana a criança não caminha para explicações “mágicas” e sim para explicações naturais, que se insere no mundo compreensivo. Tais explicações acontecem a partir de percepções de mundo vivido, e nesse percurso procuramos desvelar o sentido do brinquedo e da brincadeira em um processo de constituição da subjetividade do ser no mundo, estando ele a vivenciar uma brinquedoteca hospitalar. Seguindo a proposta psicoterapêutica de Axline (1972,1985) concordamos de que a criança PODE SER percebida em sua totalidade e singularidade, sempre diante do outro(outridade/alteridade).Assim, propomos uma fenomenologia do brincar onde a criança possa ser ela em sua essência, que a criança com necessidades educacionais especiais possa sentir tocar, perceber, recusar, falar, calar, ser, estar, presenciar, experimentar, significar e (re) significar o brinquedo e a



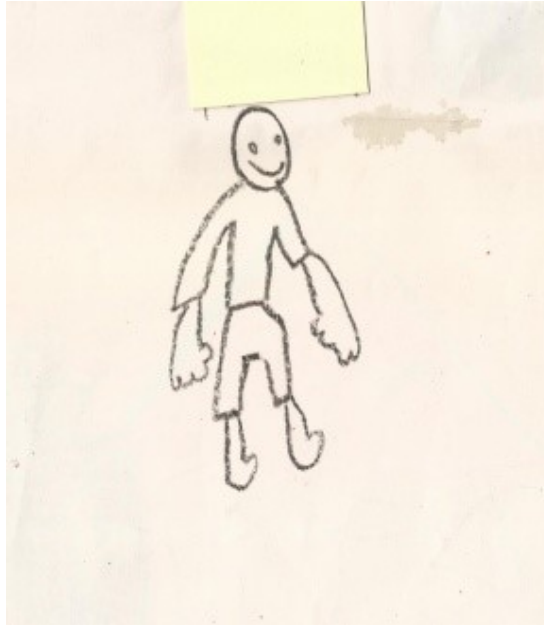
brincadeira em um processo de construção de subjetividade em uma brinquedoteca hospitalar.

Prestem atenção no que eu digo, pois eu não falo por mal: os adultos que me perdoem, mas ser criança é legal! Vocês já esqueceram, eu sei. Por isso eu vou lhes lembrar: [...] quando julgarem o que eu faço, olhem seus próprios narizes: lá no seu tempo de infância, será que não foram felizes? Mas se tudo o que fizeram já fugiu de sua lembrança, fiquem sabendo o que eu quero: mais respeito eu sou criança! (BANDEIRA, 2002, s/p).

Tendo em vista essas propostas, podemos descrever compreensivamente produção de dados que aconteceu em 18 encontros na brinquedoteca da ACACCI. Foram 18 encontros de 3 horas cada, sendo que nesse processo de produção de dados estivemos com 38 crianças/adolescentes, dentre elas 6 crianças/adolescentes com algum tipo de deficiência física por nascença ou adquiridas como consequências do câncer, desde amputação de membros ou deficiências visuais.

Destacamos aqui uma das muitas vivências que tivemos. Inspirada na obra “Dibs, em busca de si mesmo” de Virginia Mae Axline, indissociada aquela trilogia de Merleau-Ponty, buscamos um olhar sensível a partir do contato da criança com o brinquedo, tentando evitar suposições, mesmo que saibamos que a intenção por si só é percebida por nós como algo social – vamos à campo com o mundo, o outro. Nesse sentido-sentido, a experiência é única, a percepção e a corporeidade também, compondo o complexo mosaico de ser no mundo. Cada um tem sua maneira de desvelar-se e isso o torna único, na pluralidade, inclusive pela presença do outro.

Damos o nome Flamboyant a um garoto de 10 anos de idade, deficiente físico, devido aos membros inferiores amputados por causa de um câncer. Ele está integralmente envolvido com as tarefas propostas na brinquedoteca. Propomos a tarefa, até comum, de desenhar. Ele fez o desenho com interesse de ser no mundo. O desenho como uma espécie de caixa de ferramentas a revelar, **a corporeidade, e a experiência e percepção de si no mundo**. Ao terminar, ele doou sua arte em desenho para uma das pesquisadoras.



Fonte: Furley, 2019, no prelo.

“Sou eu, tia”, sintetiza-se existencialmente o menino Flamboyant. A percepção de corpo de si e a corporeidade parecem experienciadas e desveladas. Enquanto um jovem brincava de desenhar na brinquedoteca hospitalar. Ele ia se pontuando, experencialmente seu corpo se projetava inteiro, sem as mutilações. O mundo que o penetra, é um mundo que coloriza apenas o corpo perfeito e o que foge disso é objeto de desdém, desprezo, rejeição, abandono, discriminação, estigmatização. O mundo, tal qual o vivemos contemporaneamente não permite “outras possibilidades corporais diferenciadas”.

As mãos do garoto são amplas e nos parecem procurar contatos interpessoais e sociais, em um mundo nem sempre cuidadoso e acolhedor- a não ser propondo a ele atendimentos diferenciados de uma educação especial, no caso, não escolar. Mãos e braços cheios de destaque, de entrega-podemos inferir. Um corpo idealizado na experiência envolvida com a proposta educacional de desenhar, permitindo a percepção de si como esse mesmo ideal.

Esse encontro com o jovem pode nos permitir observar o fenômeno adocer, adór-é-ser, bem como o ser, ele mesmo infinitamente o ser no mundo, com suas infinitas possibilidades de ser. Por ora essa resiliência é a de envolver-se com o

desenho, e que por ora, idealiza-se “perfeito” (pelas regras de nossa sociedade e cultura) em um movimento complexo de corpo, experiência e percepção de si mesmo diante da alteridade.

## **Conclusões**

A criança é o que nós acreditamos que ela é. Reflexo do que queremos que ela seja. Somente a história pode fazer-nos sentir até que ponto somos os criadores da mentalidade infantil. As relações de repressão com a criança, que acreditamos fundadas numa necessidade biológica, são na realidade expressão de certa concepção das intrasubjetividades (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 85).

Destacamos aqui que fenomenologicamente quando uma criança brincar ela se expressa para além da linguagem formal, são seus gestos, suas expressões, seu corpo que fala através de um corpo em movimento do qual projetará o tempo, o passado vivido e o presente através da relação com o brinquedo e com a brincadeira. Através de um espaço seu (corpo) e do outro (eu-outro, eu-mundo) buscando uma sintonia que dê significado a sua existência e maneiras de se situar diante de um mundo que não é construído para a criança e sim a partir dela, buscando uma criação de si-própria, através de um eu-corporal para um eu-social a partir de uma intersubjetividade que é estabelecida através do contato com o outro. Os fenômenos de comportamento exterior estão submetidos à experiência vivida por cada pessoa, e quando esse indivíduo cresce com essa experiência, ele se aceita e aceita seu mundo em um conceito de si próprio no qual cada indivíduo tem dentro de si a capacidade de resolver seus próprios problemas. “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.269). A linguagem através do brinquedo e do brincar permitirá a libertação de todas as amarras que prendem suas emoções e liberta-se desses sentimentos negativos tornando-se pessoa, centro do universo de sua existência. O sujeito da educação especial para nós, enquanto pesquisadores da pedagogia hospitalar perpassa a categorização atribuída ao quadro de deficiência dos quais estão enquadrados. Todos os sujeitos que estão acometidos por um processo de adoecimento, e conseqüentemente debilitados e incapacitados

de totais capacidades cognitivas e tratamento no qual os usos de fármacos acarretam danos cognitivos temporários ou de longo prazo são sujeitos da educação especial escolar ou não escolar, visto que muitas vezes sofrerão mutilações devido ao tratamento. Diante disso:

Aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal. Sistema de potências motoras ou de potências perceptivas, nosso corpo não é objeto para um “eu penso”: ele é um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 212).

Como pesquisadora, busco um novo olhar, para isso mudo a direção do meu corpo, assim posso enxergar para além do meu habitual. Meu olhar não é mais o mesmo diante do mundo e do outro, assim como o outro e o mundo não são mais como era há exatamente um minuto atrás, o reinventar-se se faz necessário diante da vida e das vicissitudes que ela apresenta.

## Referências

ACACCI. **Acacci – Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil**. Disponível em: <http://www.acacci.org.br> [Acesso em: 30 de janeiro de 2018].

ACAMPORA, Bianca. **Psicopedagogia hospitalar: diagnóstico e intervenção**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015

ANGERAMI, Valdemar Augusto Camon [et al]. **O atendimento infantil na ótica fenomenológica-existencial**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

AXLINE, Virginia Mae. **Dibs: em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

AXLINE, Virginia Mae. **Ludoterapia: o método de ajudar crianças a se ajudarem**. Belo Horizonte: Inter livros, 1972.

BANDEIRA, Pedro. **Mais respeito, eu sou criança**. 2º Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Lei nº 11.104/2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. 2005.

\_\_\_\_\_. Resolução CNE nº 02, 11.09.2001. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Ministério da Educação. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf> [Acesso em: 10 de janeiro de 2018].

CAPES. **Banco de teses**. Disponível em:  
<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>. [Acesso em: 05 de setembro de 2017].

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Aquariana, 2011.

FRIEDMANN, Adriana [et al]. **O direito do brincar: a brinquedoteca**. São Paulo:Edições Sociais: Abrinq, 1998.

FURLEY, Ana Karyne L. et al. **A brinquedoteca hospitalar: um estudo bibliográfico de inspiração fenomenológica**. 2017b. (Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1476> Acesso em: 30 de janeiro de 2018).

FURLEY, Ana Karyne L. **Brinquedoteca hospitalar: O brinquedo e o brincar na educação especial da classe hospitalar da ACACCI segundo a corporeidade, experiência e percepção Merleau-Pontyanos**. Dissertação (Mestrado em Educação): Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2019 (NO PRELO).

GIMENES, Beatriz Piccolo. **Brinquedoteca: Manual em educação e saúde**. São Paulo: Cortez, 2011

LINDQUIST, Ivony. **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As relações com o outro na criança**. Belo Horizonte.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança: Curso da Sorbonne 1949-1952**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo: Atlas, 2015.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O símbolo e o brinquedo: representação da vida**.Petrópolis: Vozes, 1992.

PEIXOTO, Adão José; HOLANDA, Adriano Furtado (coord.). **Fenomenologia do cuidado e do cuidar: perspectivas multidisciplinares**. Curitiba: Juruá, 2011.

PÉREZ-RAMOS, Aidyl M.de Queiroz; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Brincar é saúde:o lúdico como estratégia preventiva**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Lisboa: Ática, 1942.

PINEL, Hiran; SANT'ANA, Alex Sandro; COLODETE, Paulo. **Pedagogia Hospitalar numa perspectiva inclusiva: um enfoque fenomenológico existencial**. Teresina, Piauí: Edufpi, 2015.

PINEL, Hiran; COLODETE, Marcio. **Pedagogia hospitalar: Uma abordagem centrada na pessoa encarnada**. São Paulo: Clube de Autores, 2016.

PUVIANI, Vanna. **O uso do desenho no trabalho clínico com crianças: teoria e técnica**. Belo Horizonte: Artesã, 2013.

ROSA, João Guimarães. **“A terceira margem do rio”**. In: \_\_\_\_\_. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

UFES. **Normalização de referências: NBR 6023:2002**. Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca Central. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

UFES. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Universidade Federal do Espírito Santo, Biblioteca Central. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

VIEGAS, Drauzio. **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.